

---

- **PSICOLINGÜÍSTICA I**

Coordenador(a): *Ana Lúcia da Silveira Barros*

---

## **A LINGUAGEM E SUAS POSSIBILIDADES COMUNICACIONAIS EM CONDUITAS EXPLICATIVAS/ JUSTIFICATIVAS**

*Terezinha de Jesus Costa*

Considerando que é pela expressividade que o indivíduo atua sobre o outro, a linguagem assume um papel de destaque no processo de comunicação, pois faz parte da constituição de diferentes operações intelectuais, possibilitando a criação de mundos e perspectivas; ela não fala apenas daquilo que existe, mas do que não existe ou poderia existir; expressa a subjetividade, cria laços, enfim, explica e justifica.

Assim, no quadro de uma abordagem funcional e interacional, Veneziano e Hudelot (2002) denominam de Conduta Explicativa/Justificativa (CEJ) “todo ato de comunicação complexo que comporta um explanandum - isto é, um acontecimento, uma ação ou um ato comunicativo (expresso de maneira verbal ou não-verbal, ou podendo estar implícito) que oferece ou que poderia causar problema para seu interlocutor - e um explanans, o componente que fornece a causa, a

razão ou a motivação do explanandum, podendo responder ao “por que” ou não, solicitado de maneira implícita ou explícita pelo interlocutor atual”.

Paralelamente, Borel (1980) afirma que “um discurso explicativo” não é uma realidade tomada isoladamente, quer dizer, fora de seu contexto, de seu intercâmbio com outros discursos, da situação que o determina e ao qual ele tem seus efeitos, não forma necessariamente o todo de um discurso.

Logo, do ponto de vista funcional, a explicação pode tratar do processo de interação entre indivíduos, sustentando a comunicação por conviência ou por tutela e, também, permite que sejam mostrados saberes psicossociais, psicolingüísticos, lingüísticos, etc.

Nesse sentido, e voltando ao ponto inicial, acrescentamos que a linguagem oral, em especial a verbalização de Condutas Explicativas/Justificativas, é fonte de investigações, e lugar de desenvolvimento cognitivo e comunicativo, em especial, na criança. (Melo: 2002).

## **A NARRATIVA DE UM SUJEITO COM SINGULARIDADES DE LINGUAGEM**

*Mirian Cazarotti (UNIMEP)*

Este estudo diz respeito à análise da narrativa de um sujeito, de 5 anos de idade, que apresenta singularidades em seu desenvolvimento de linguagem. Baseia-se nas teorias enunciativo-discursivas e nas discussões sobre linguagem e seu funcionamento. Nesta perspectiva, o discurso narrativo é um dos aspectos fundamentais no desenvolvimento da linguagem infantil, pois promove a organização no tempo e no espaço, além da construção dos sentidos. O discurso do interlocutor mais experiente tem papel fundamental, pois as primeiras experiências da criança como narradora são espelhadas na fala do outro. Desta forma, o objetivo deste estudo é analisar a narrativa de uma criança com um desenvolvimento lingüístico peculiar, em situação dialógica. Os dados foram obtidos por meio de videogravações de diversas atividades realizadas em um grupo de estimulação, de uma instituição especial. Optou-se, assim, pela análise qualitativa e observacional dos episódios narrativos. O garoto, cuja narrativa foi aqui analisada, utiliza-se do gesto dêitico, que aparece aqui complementando o enunciado oral e mostrando que o acontecimento do seu relato se deu em outro lugar, revelando também, a aquisição dos conceitos relativos aos aspectos espaciais e temporais. Entendemos, assim, que durante o discurso narrativo realiza-se a produção de sentidos, que foi representada muitas vezes em nossa análise por meio das atividades epilingüísticas (hesitação, repetição, pausa longa, antecipação), próprias da linguagem em funcionamento; indicando, portanto, que durante o processo de aquisição da linguagem, as crianças refletem sobre a própria linguagem. Complementando, os resultados demonstram a importância das práticas discursivas e do interlocutor mais experiente na língua, durante o processo de significação, principalmente diante de sujeitos com singularidades em sua linguagem.

## **A TUTELA NUMA VISÃO DISCURSIVA: O CASO DA EXPLICAÇÃO**

*Ana Lúcia da Silveira Barros (USP)*

Em Vygotsky (1984) o aprendizado decorre da interação entre criança e um par mais competente, denominando tutela esse tipo de interação. Bruner (1987) define tutela como o conjunto das intervenções ocorridas entre adulto e criança com intuito de auxiliar a realização de uma tarefa que, sozinha, a criança não conseguiria.

Nesta perspectiva, este estudo pretende analisar a tutela na atividade lúdica de ficção entre adulto e criança. Nesta situação, tanto adulto quanto criança necessita dar significados aos elementos e encadeamentos do jogo e, negociar suas idéias e proposições.

Segundo Hudelot e Vasseur (1997), a tutela na situação discursiva é um modo de funcionamento dos interlocutores, e não um recorte no fluxo verbal interlocutivo. Os autores concebem a linguagem como circulação de sentido e não somente expressão de sua forma, implicando assim a tutela linguageira como conduta que, pressupondo uma ajuda pelo parceiro, fornece significação ao interlocutor em relação a certo objeto. Assim, a conduta tutelar no contexto lúdico de ficção deverá favorecer essa circulação de sentido que possibilita a partilha de significação. Entendendo que explicar é fazer o outro compreender para agir ( Borel 1981), alguns autores apontam que as condutas explicativas se constituem de encadeamentos enquanto relação de significado manifestada pela co-articulação (de pelo menos) dois enunciados centrais que apresentam uma relação de conteúdo e uma relação com o outro ao mesmo tempo (Hudelot, Prenerom, Salazar-Orvig, 1990, trad. 2003). É sob o ponto de vista de que tutela é vista como um movimento discursivo implicado na interlocução como forma de interpretar e favorecer a partilha de significação ou de intenções e negociações de proposições a fim de promover e progredir a interação é que pretendemos correlacionar a tutela do adulto e as condutas de explicação da criança.

### **DISCURSO PEDAGÓGICO EM AÇÃO**

*Aurora de Jesus Rodrigues (PUC-SP)*

O estudo do discurso pedagógico fornece subsídios para conhecimentos de caráter psicolingüístico, lingüístico, pedagógico e sociológico. O presente trabalho foi realizado dentro do prisma psicolingüístico, tendo por objetivos o levantamento e a análise da norma e dos termos científicos empregados por um professor universitário em sala de aula. A pesquisa foi realizada com um sujeito único, do sexo feminino, com título de doutor, idade aproximada de 50 anos, lecionando em curso de Letras, em uma instituição particular de ensino. Foram utilizados um gravador de bolso e fitas cassetes. Foram sorteadas 10 aulas, que foram gravadas durante 20 minutos, desprezando-se os 10 minutos iniciais. Feitas as transcrições, o teste de fidedignidade foi de 82,07%. A análise dos resultados demonstrou a predominância do uso da norma coloquial (72%), sendo relativamente baixo o índice de ocorrência de termos teóricos da disciplina (28%). Concluiu-se que, mesmo durante o ensino de conteúdo técnico, prevaleceu o discurso coloquial sobre o científico.

### **ESTUDO DOS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO QUE INTERFEREM NO PROCESSO DE COMPREENSÃO DE TEXTOS ESCRITOS**

*Patrícia de Brito Rocha (UFU)*

A presente pesquisa se propõe ao estudo dos processos de referenciação que interferem no processo de compreensão de texto escritos, entendendo a leitura num processo de interação entre o autor e leitor via texto. O universo de pesquisa a ser pesquisado envolverá alunos da 5ª e 8ª séries da rede de ensino público de Patos de Minas. O objetivo da pesquisa é o de fazer um estudo do processamento cognitivo da leitura, para detectar se os processos de referenciação empregados na construção do texto escrito são realmente processados no momento da leitura. Para então, a partir daí verificar quais são as possíveis causas do não-processamento dos mesmos. Para tal, serão aplicados pré testes de leitura que demonstrarão quantitativa e qualitativamente a limitação que existe no processo de referenciação. Em pesquisa anterior, foi detectada uma margem de erro de 59,5% para os alunos de 5ª série e de 53,8% para os alunos da 8ª série. Com essa comparação de dados, é possível concluir que os alunos das séries pesquisadas não dominam recursos lingüísticos discursivos como a coesão referencial em contextos complexos e simples. Com isso, a escola não tem cumprido a sua função que é a de propiciar aos alunos estratégias de leitura que os levem a desenvolver tais habilidades.

## **EXPLICAÇÃO E AVALIAÇÃO NA PRODUÇÃO ORAL DE HISTÓRIAS**

*Priscila Peixinho Fiorindo (USP)*

O presente trabalho pretende mostrar como ocorre a explicação na produção de histórias orais em crianças de cinco anos, de ambos os sexos. De acordo com Leclaire- Halté (1990) a explicação surge quando há um problema de ordem cognitiva a ser resolvido e a fase de problematização sucede a fase de resolução do problema. Assim, e com base no modelo laboviano, partimos do pressuposto de que não há oposição fundamental entre explicação e narração, pois ao contar uma história explicamos, e ao explicar legitimamos o caráter memorável daquilo que contamos. Em seguida nossa atenção se voltará para a modalidade (avaliação) que, segundo Labov, é um dos elementos estruturais da narrativa que tem por finalidade comunicar ao ouvinte o ponto de vista do narrador, em relação à história por ele narrada. Aqui, abordaremos três tipos de avaliação proposta pelo autor: avaliação externa (o narrador interrompe a narrativa para expor seu ponto de vista); avaliação encaixada (o ponto de vista do narrador é expresso no desenvolvimento da narrativa, sem interrupção do ato de narrar) e ação avaliativa (descreve-se o que as personagens fizeram em vez de relatar o que disseram). Apoiando-nos nesta perspectiva e, com o objetivo de mostrar como a explicação e narração se articulam nas histórias orais, o presente estudo contrasta duas situações: (a) produção de histórias orais a partir do desenho feito pela criança e (b) a produção de narrativas, a partir das histórias lidas pela pesquisadora. Os dados foram coletados em sala de leitura, durante duas sessões semanais, gravados em fita cassete e transcritos de acordo as normas do projeto Nurc/Usp proposta por Pretti e Urbano.

## **REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA EM REDES RECORRENTES**

*Ricardo Basso Garcia (UNICAMP)*

Modelos conexionistas ou redes neurais artificiais são modelos computacionais cujo processamento é biologicamente inspirado. Pequenas unidades processadoras recebem e transmitem ativações através de camadas de conexões, assim como neurônios transmitem pulsos elétricos através de sinapses. Uma rede recorrente simples (Elman, 1990) é um modelo conexionista que processa a entrada juntamente com o estado interno anterior do sistema, o que possibilita a modelagem de fenômenos que ocorrem no tempo. Dado que a fala é um fenômeno temporal, esse tipo de rede mostrou-se eficaz no modelamento de fenômenos fonotáticos e sintáticos diversos. No campo do conhecimento gramatical, J. L. Elman (1990; 1991) mostrou que a rede recorrente simples é capaz de extrair informações sintático-semânticas da entrada apenas reconhecendo padrões de co-ocorrência de palavras. No trabalho aqui desenvolvido, o primeiro passo foi replicar o experimento de Elman (1990) e, em seguida, introduzir modificações nesse modelo de modo a dar conta de estruturas argumentais e papéis temáticos. Nossos resultados mostram que uma rede recorrente pode representar papéis temáticos. Cumpre ressaltar que a interpretação dos resultados desses modelos exige um aparato conceitual de análise adequado para capturar relações dinâmicas; daí a utilização dos instrumentais do conexionismo e o apelo a uma visão dinâmica da gramática e do léxico, tal como encontramos em Elman (1995; 2004) e em Port & van Gelder (1995).

## **UM MODELO CONEXIONISTA DA REPRESENTAÇÃO LEXICAL BILÍNGÜE**

*Valderes Aparecida Rinaldi (UNIP)*

Tomando o bilingüismo como a capacidade de se usar duas ou mais línguas por um mesmo falante, considerando conhecimento e produção de ambas ou demais línguas, armazenados mentalmente como um único sistema, estudos têm sido desenvolvidos para tentar entender o modo como as assim chamadas “línguas” do bilíngüe estariam representadas dentro da memória

e de que forma o acesso lexical se daria neste contexto. Resultados de simulações com redes recorrentes simples (RRS) (Elman, 1990) apresentados por French (1998) apontam para a existência de um único léxico mental, este organizado hierarquicamente em primeiro lugar pela distinção entre os dois idiomas, a saber, inglês e francês, seguido então pela categorização do léxico. Acreditando que estes resultados podem ser reflexos do que acontece com o armazenamento da linguagem do bilíngüe no sistema cognitivo humano, mas também compreendendo que a sintaxe usada nas simulações promovidas por French não abarcavam de maneira satisfatória o sistema lingüístico, uma vez que as sentenças utilizadas no experimento seguiam somente a ordem N V N, o experimento atual buscou uma maior complexidade sintática, com o objetivo de aproximar a simulação daquilo que ocorre na linguagem natural do bilíngüe, a qual possui diferenças entre turnos e interações para cada um dos idiomas propostos, considerando-se as possibilidades de uso das diferentes “línguas” em diferentes contextos sociais. Para tanto, foram acrescentadas às sentenças utilizadas na simulação alterações sintáticas lingüisticamente motivadas para os dois idiomas, modificando ou não os nomes. O mesmo regime de treinamento foi mantido e analisando-se os resultados das simulações foi possível observar que este novo experimento, apesar de mais complexo sintaticamente, mas mais próximo à linguagem natural, também é capaz de distinguir hierarquicamente primeiramente as “línguas” do bilíngüe além de aprender as diferenças lexicais entre estas duas línguas, corroborando com resultados anteriormente apresentados.